

A Busca de Si Através da Natureza na Obra *Na Natureza Selvagem*¹

The Search For Yourself Through Nature in the Book *Into the Wild*

INGRID LOPES RODRIGUES PIAUILINO

Graduada em Letras-Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão –UEMA
ingridpiauilino@hotmail.com

MANUELA FEITOSA BEZERRA

Graduada em Letras-Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
manumep@hotmail.com

RAFAEL DE SOUSA PINHEIRO

Mestre em Ética e Epistemologia pela Universidade Federal do Piauí. Prof. do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
rafaelpinheiro2306@gmail.com

Não se deve negar [...] que estar solto no mundo sempre foi estimulante para nós. Está associado em nossas mentes à fuga da história, opressão, lei e obrigações maçantes, com liberdade absoluta, e a estrada sempre levou para o oeste.
 - Wallace Stegner

RESUMO

O escritor e jornalista Jon Krakauer (1964-), ao escrever *Na natureza selvagem* (1998), tinha como principal objetivo trazer a narrativa não linear da vida e jornada de Christopher McCandless (1968-1992). Chris, que em 1990 saiu de sua casa para viver uma vida de simplicidade e significado, migrou em uma jornada para o Alasca buscando encontrar na natureza aquilo que lhe faltava vivendo em sociedade, assim como inúmeras pessoas que lutam para encontrar o seu eu interior. Assim, será utilizado o teórico Yi-Fu Tuan (1930-) e o autor Eric Dardel (1899-1967) para embasar a pesquisa acerca da relação de McCandless com a natureza e como se deram as conclusões tiradas durante sua estadia pela “natureza selvagem”, visando uma análise descritiva e bibliográfica. Além disso, conectar o termo latim *fugere urbem* com a conexão profunda e respeitosa entre protagonista e a natureza, apontando esta como refúgio do caos interno e externo.

Palavras-chave: Jornada. Natureza. Topofilia.

ABSTRACT

The writer and journalist Jon Krakauer (1964-), in writing *Into the wild* (1998), aimed to bring the nonlinear narrative of Christopher McCandless's life and journey (1968-1992). Chris, who in 1990 left his home to live a life of simplicity and value, migrated on a journey to Alaska seeking to find in nature what he lacked by living in society, as well as countless people struggling to find their inner selves do. Thus, the theorist Yi-Fu Tuan (1930-) and author Eric Dardel (1899-1967) will be used to support the research on McCandless's relationship with nature and what were the conclusions reached by him during his stay in the “wild nature”, aiming at a descriptive and bibliographical analysis. Furthermore, connecting the latin term *fugere urbem* with the deep and respectful connection between the protagonist and the natural environment, pointing to nature as a refuge from inner and outer chaos.

Keywords: Journey. Nature. Topophilia.

¹ Artigo submetido para avaliação em 10/10/2019 e aprovado em 20/10/2019.

1 INTRODUÇÃO

Em janeiro de 1993, ao publicar uma matéria na revista *Outside*² sobre a vida e morte de Christopher Johnson McCandless, o jornalista Jon Krakauer³ ficou extasiado com a história que teve que escrever. Aos 22 anos de idade, Chris escolhe se afastar da vida de conforto e riquezas que conhecia ao doar 24 mil dólares que tinha em sua conta bancária e partir em uma jornada rumo ao Alasca, onde viveria uma vida arriscada e libertadora na natureza, na qual os pesos de uma sociedade capitalista e materialista não o prenderiam mais. Observando o estilo de vida arriscado e incerto que Chris escolheu viver, pode-se reparar que a sociedade ao seu redor já não o fazia bem, onde mentiras e o fascínio pelo materialismo o rodeavam como uma névoa escura e tóxica.

Para o aventureiro:

Tanta gente vive em circunstâncias infelizes e, contudo, não toma a iniciativa de mudar sua situação porque está condicionada a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, tudo isso que parece dar paz de espírito, mas na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem que um futuro seguro. A coisa mais essencial do espírito vivo de um homem é sua paixão pela aventura. (KRAKAUER, 1998, p. 67-68).

A partir dessa citação, temos a simbolização do que o autor Eric Dardel (1899-1967) enxerga como “vontade intrépida de correr, explorar e descobrir” (2011, p. 1), ou seja, a representação de pessoas que lutam para encontrar o seu eu interior - as suas expedições interpessoais -, e o que há fora de si.

Assim existem teóricos que buscam entender por que o fascínio pela natureza faz com que pessoas encontrem nela um refúgio para que o autoconhecimento ocorra de maneira isolada e purificada. Serão citados nomes valiosos para essa pesquisa como Yi-Fu Tuan (1930-) e Eric Dardel (1899-1967), além do termo em latim *fugere urbem* que se assemelha filosoficamente a história de C.M.

Dessa forma, este artigo terá como principal objetivo buscar compreender como a natureza é colocada como um ideal de abrigo e espaço de autoconhecimento para Chris

² A maioria das pessoas, ao saberem da história de Chris, consideram o garoto como um jovem aventureiro, idealista e encaram a sua vida como uma viagem irresponsável e inconsequente, um rebelde sem causa que deixa sua família extremamente preocupada enquanto se arrisca sem dinheiro algum pelo mundo.

³ Vale ressaltar a grande afinidade que o autor do livro sente por Chris McCandless. Krakauer era alpinista e tinha a mesma atração pela aventura e adrenalina. Escreveu outros livros que seguem a mesma temática de entregar-se à natureza e encontrar autoconhecimento nela. Contudo, ao contrário de Chris, Jon Krakauer não faleceu durante a jornada.

McCandless. Será aprofundada, especialmente, a questão da sua relação com a natureza e a necessidade de isolamento sendo fundamental para a descoberta de si.

2 O COMEÇO DA JORNADA

Chris, desde a infância, mostra grande encantamento pela natureza ao ir caçar com seu avô ou ao passar boa parte das férias no campo. Além disso, ele é leitor frequente de autores como Henry David Thoreau (1817-1862), Liev Tolstói (1828-1910) e Jack London (1876-1916). Assim, sua juventude foi cercada de grandes ideias e influências literárias que o levaram ao sentimento de aversão à hipocrisia presente na sociedade e às obrigações sociais. A vida para McCandless vai muito mais além de *status* e aparências, o que pode ser visto na descrição do autor sobre Chris:

Ele era um jovem veemente demais e possuía traços de idealismo obstinado que não combinavam facilmente com a existência moderna. Cativado havia muito tempo pela leitura de Tolstói, admirava em particular como o grande romancista tinha abandonado uma vida de riquezas para vagar entre os miseráveis. (KRAKAUER, 1998, p. 10)

Dessa forma, a existência ordinária não está nos planos dele. Ao terminar a faculdade de Direito⁴, ele doa todo dinheiro que havia guardado no banco para uma instituição de caridade. Em 1990, sai de casa para viver uma vida de simplicidade e significado, carregando em sua mochila apenas um saco de arroz e alguns livros e partindo em uma jornada para o Alasca, a fim de encontrar na natureza aquilo que lhe faltava quando vivia em sociedade.

“A civilização ocidental fez dessa luta contra as distâncias, compreendida como uma economia de esforço e de tempo, uma de suas preocupações dominantes” (DARDEL, 2015, p.10), isto é, as pessoas procuram estar mais perto para evitar a solidão, ainda mais com o surgimento da internet, celulares, notebooks, assim, em diversos casos, não se busca construir uma relação estável, saudável e profunda, e sim não estar sozinho, independente da companhia.

É exatamente nesse ponto que Christopher tornava-se único na comunidade onde vivia. Ele queria estar sozinho, era um leitor ávido, sua companhia é a literatura de engajamento, dessa forma, por essa inferência artística, ele mostra desgosto pelo urbano o qual, na visão dele, é ambiente de mentiras e egoísmos.

⁴ Christopher se forma por imposição dos pais, ao que parece, monta o plano de dar a satisfação social que os progenitores procuravam e, assim, fugir completamente no mundo.

O aventureiro critica seus pais pela grande preocupação que possuem com as aparências, ou seja, tentam apresentar uma família feliz, mas, dentro de casa, têm como principal objetivo trabalhar e, em diversas situações, negligenciaram a atenção e participação no crescimento dos filhos. Essa angústia em relação ao que foi exposto aumenta gravemente quando ele descobre o primeiro casamento de seu pai: seu nascimento, portanto, é consequência de um relacionamento fora do matrimônio.

Por essa razão, o convívio familiar torna-se uma batalha constante. Para ele, os pais são a plena representação da hipocrisia presente nas relações humanas; toda raiva que sente sobre a superficialidade da sociedade é posta nesse núcleo pai/mãe. Nesse contexto, o termo em latim *fugere urbem*⁵, um dos destaques do Arcadismo, torna-se essencial para descrever a motriz que o moveu a fugir da cidade.

Através da terminologia “fuga da cidade”, pode-se abordar a visão que ele possui da cidade: barulhenta, tumultuosa, cheio de intenções maliciosas e superficiais, o caos do egoísmo humano e das obrigações sociais impostas – ir para faculdade, ter um carro, frequentar lugares com renome.

Logo, ele precisa escapar para a natureza e se encontrar, vivenciar o que acredita e colocar na prática os ensinamentos recebidos dos clássicos literários. Apesar das críticas negativas recebidas, ele tenta viver a vida da forma como defendia. Larga tudo para uma jornada sem mapa, tendo como única intuição seu instinto.

Além disso, “o espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual pode-se imprimir qualquer significado” (TUAN, 1983, p. 61). E é exatamente isso que o andarilho ansiava⁶, pois busca uma existência não sedentária, experimentando o mundo natural sem os confortos e comodidades da sociedade moderna. Vê, portanto, como sua única alternativa ir à natureza em busca de sua identidade e de algo para inspirá-lo a viver em felicidade.

Como vários andarilhos, Chris desejava

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. (...) busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra (...) como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011, p. 1).

⁵ Significa, em português, fuga da cidade.

⁶ Inclusive, é citado o anseio de Chris de viver numa época em que houvesse lugares desconhecidos, por isso, ele não levou nenhum meio de orientação, porque seu objetivo era estar em ligação profunda com a natureza e descobrir novos lugares. Ele “nasceu no século errado. Ele procurava por mais aventura e liberdade do que a sociedade de hoje dá às pessoas” (KRAKAUER, 1998, p. 182)

A convivência urbana não lhe traz paz. Aliado a isso, a péssima relação com os progenitores e a necessidade que sente por liberdade, o que leva Chris a fugir para a natureza selvagem.

3 A NECESSIDADE DE ISOLAMENTO

Através da natureza, McCandless consegue escapar da sociedade urbana que tanto mal lhe fazia. A descoberta de que seu pai havia traído a sua mãe com outras mulheres e tido filhos com elas, além do materialismo exacerbado que seus pais agregavam, foram os principais gatilhos para Chris ter optado em não se comunicar com a sua família durante sua jornada.

Na sua opinião, honestidade e integridade sempre foram traços de grande valor, e ter descoberto sobre a traição de seu pai fez com que todo o respeito por ele fosse esvaecido, sentindo-se enganado e profundamente abalado. A principal diferença entre ele e sua família baseava-se numa filosofia de vida que se expendia em visões antagonistas de mundo e moral. Desde os primeiros anos de vida, de acordo com sua irmã⁷, McCandless gostava de passar a maior parte do seu tempo sozinho. Ao conversar com Krakauer, ela esclarece:

“Mesmo quando éramos pequenos”, diz Carine, que nasceu três anos depois de Chris, “ele era muito ensimesmado. Não era antissocial – sempre teve amigos e todo mundo gostava dele –, mas podia se isolar e entreter-se durante horas. Não parecia precisar de brinquedos ou amigos. Podia ficar sozinho sem sentir-se solitário. (KRAKAUER, 1998, p. 117).

No livro *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, de Yi-Fu Tuan, apresenta a definição do que é apinhamento. Para Tuan (1983, p. 67):

Podemos dizer que uma floresta está apinhada de árvores e um quarto está apinhado de bugigangas. Mas são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço.

Dessa forma, é válido alegar que esse conceito se aplica perfeitamente ao caso de Chris, para quem a sensação de apinhamento – extremamente árduo de suportar - era essencialmente causada pelo modo de vida de seus pais.

Ademais, Tuan, no que diz respeito a espaço, do mesmo modo se encaixa no contexto de Chris, já que alega que o espaço é uma oportunidade de criar caminhos e possibilidades

⁷ Recomenda-se a leitura da obra *The Wild Truth*, onde a irmã de Chris, Carine McCandless, relata o âmbito familiar e como eles se relacionavam entre si e com os pais, assim como revela fotos da infância e do final de vida de seu irmão.

por ser vasto e extenso, podendo, assim, trilhar seu próprio caminho sem influências e padrões externos.

Ao analisar o conceito de espaço e natureza como uma necessidade psicológica e espiritual para o ser humano, percebe-se que tal experiência seria anulada, já que, de acordo com Tuan, “a companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça à liberdade” (TUAN, 1983, p. 67).

Vale ressaltar que, nos dois anos e três meses que passou fora de casa, Chris fica apenas quatro meses completamente isolado de contato e comunicação humana. Ao longo de toda a jornada, conhece muitas pessoas que o moldam e o fazem valorizar e amar mais a vida em cada lugar que passa, comunicando-se com todos por meio de cartas enquanto se desloca geograficamente. Ainda que tenha se aproximado de indivíduos que realmente mudam a sua existência e criam com ele um laço muito forte e único, Chris não desiste de seu principal objetivo de chegar ao Alasca, apesar de prolongar por muito mais do que imaginava seu tempo ao redor de pessoas.

Não se sabe exatamente quanto tempo McCandless pretendia passar na natureza de maneira isolada, mas as amizades que criou ao longo de sua jornada tornam o período que passou em volta delas quase tão válido e importante quanto o período em que passou sozinho. Além de ansiar por um tempo desacompanhado, Chris também procurava por contato entre pessoas que ele considerava “reais”, sem nenhuma superficialidade que o dinheiro trazia e foi certamente o que encontrou ao passar por pessoas que viviam em cidades pacatas e simples e viajantes andarilhos que, assim como ele, amavam a natureza e viajar.

Chris acha que a busca da riqueza estava corrompendo não só sua família, como toda a sociedade, e que o homem deve ter como principal foco a busca do desenvolvimento pessoal e mental. De acordo com o livro, “McCandless foi para longe da civilização não para pensar sobre a natureza ou o mundo em geral, mas para explorar o terreno interior de sua alma” (KRAKAUER, 1998, p. 191).

Posto isso, é notável que ele quer acima de tudo a sensação de isolamento que o Alasca lhe proporcionaria e não tinha aversão aos perigos que a natureza selvagem lhe apresenta, podendo deixá-lo exposto e vulnerável mais do que qualquer outro espaço aberto. Por fim, vale lembrar que

A solidão é uma condição para adquirir a sensação de imensidade. A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, os pensamentos

recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área (TUAN, 1983, p. 67).

4 RELAÇÃO COM A NATUREZA

Existem inúmeros aspectos positivos na natureza que podem impactar e enternecer diversos tipos de vida. Muitas pessoas conseguem obter no ambiente selvagem um refúgio, no qual, longe da sociedade, os benefícios de pureza e liberdade seriam obtidos com sublimidade. Ao procurar um relacionamento íntimo com a natureza, Chris ansia que aquilo fosse lhe mudar completamente, de forma que retornaria à sociedade mais sábio e erudito devido às experiências proporcionadas pela natureza circundante.

Desde criança, McCandless tinha uma paixão e fascínio pela natureza que o diferenciavam de muitos outros jovens da sua idade. Sempre gostou de viagens longas, realizando-as todo ano enquanto fazia trilhas e escalava montanhas arriscadas com seu pai e avô. No livro, Walt McCandless, pai de Chris, diz: “Chris não tinha medo desde pequeno”, retoma após uma longa pausa. “Não achava que as probabilidades se aplicavam a ele. Estávamos sempre tentando puxá-lo de volta da beirada” (KRAKAUER, 1998, p. 119). Desse modo, sempre foi presente em Chris o senso de aventura, o ponto de partida para que, em 1990, ele saísse para a natureza.

Uma das principais influências e inspirações para a decisão que Chris toma é o seu amor pela natureza que partia de Henry David Thoreau (1817-1862). Assim como Thoreau, ele escolheu viajar e viver na natureza para tentar libertar sua mente da convenção social. Torna-se claro como a escolha em partir para a natureza em busca de solução de problemas da sociedade levou como fator livros que Chris lia de Thoreau, com foco em Walden.

Outros autores como Jack London (1876-1916) e Liev Tolstói⁸ (1828-1910) também tiveram peso na forma de pensamento de Chris, tendo em vista que todos escrevem sobre o afastamento do ser humano da sociedade e sua migração para a natureza em busca da solidão e do conhecimento interior. *Felicidade Conjugal*, livro de Tolstói, de 1859, foi um dos livros encontrados com os restos de Chris McCandless. Nele, Chris havia marcado a citação:

Eu queria movimento e não um curso calmo de existência. Queria excitação e perigo e a oportunidade de sacrificar-me por meu amor. Sentia em mim uma superabundância de energia que não encontrava escoadouro em nossa vida tranquila. (TOLSTÓI, 1859, p. 38).

⁸ Importante ressaltar que Chris ficou extremamente decepcionado com os pais ao descobrir o passado familiar, mas nunca se questionou sobre a hipocrisia dos escritores que tanta admirava, isto é, muitos deles escreveram livros defendendo a natureza ou uma vida humilde, mas na vida real viviam o contrário.

A partir dessa citação, pode-se perceber que Chris buscava e almejava exatamente o que Tolstói escrevia em seus livros.

Não há motivos exatos pelos quais Chris escolhe ir especificamente ao Alasca, entretanto seu principal desejo, ao migrar para essas terras, é vivenciar radicalmente a natureza, afastando-se de toda a influência externa possível que pudesse afetar a solitária experiência. Jon Krakauer defende este ponto ao dizer no livro que

Quando o rapaz se internou no mato do Alasca, não cultivava ilusões de que estivesse entrando numa terra de leite e mel; perigo, adversidade e despojamento tolstoiano era exatamente o que estava buscando. E foi o que encontrou, em abundância. (KRAKAUER, 1998, p. 10).

Tamanha necessidade de se aventurar pela natureza também é um ponto defendido por Eric Dardel, que diz que a Terra é um texto pronto para ser decifrado.

Da mesma forma que Dardel, Yi-Fu Tuan fundamenta que estar na natureza por si só, por mais densa e sufocante, não causa a sensação de sufoco e apinhamento: “árvores e matacões podem ser densos em uma área selvagem, mas os amantes da natureza não a veem como apinhada. [...] Para os habitantes sofisticados da cidade, a natureza, qualquer que seja seu caráter, significa abertura e liberdade.” (TUAN, 1983, p. 69). Assim, para os amantes da natureza, ela nunca será motivação para agonia e sufocamento.

Incansável usufruidor de seu diário, Chris, ao final de sua vida, lamenta não conseguir voltar para casa e não ter ido preparado da maneira que deveria. A natureza pode ser usada como uma rota de fuga, uma escapatória da sociedade e do urbano, que disponibiliza para muitos uma sensação de pureza e liberdade.

Porém, Chris escolhe não levar consigo nenhum objeto para a natureza selvagem além daquilo que julgava ser de extrema necessidade. Bússolas, mapas, roupas e comida em abundância e outros utensílios foram ignorados se revelam, portanto, irrelevantes.

Ademais, ao ter a oportunidade de incendiar árvores e criar fogueiras ao seu redor para atrair a atenção de possíveis povoados próximos que poderiam lhe ajudar, Chris opta por não o fazer, já que seu respeito pela natureza o impedia de danificá-la por meio de práticas que envolvessem riscos ambientais. Tal ignorância em não ir preparado e respeitar tanto a natureza ao ponto de escolher não a deteriorar para salvar a sua vida, foram os motivos pelos quais Chris não sobreviveu em sua aventura. Para ele, a natureza devia ser tratada com respeito por todos.

5 CONCLUSÕES DE CHRIS

Dessa forma, torna-se relevante abordar a que conclusões o rapaz audacioso chegou, pois, durante a estadia no ônibus até sua morte, Chris passa muito tempo sozinho, obtendo exatamente o desejado: estar em pleno isolamento dentro da natureza, alimentando-se do que conseguia caçar ou colher, lendo os autores que tanto admirava, em suma, longe da civilização – a qual tanto criticava.

Entretanto, anotações – disponíveis no site *Diary of Chris McCandless* –, feitas por ele nas páginas de livros que leva, mostram outras reflexões sobre a estadia vivida solitariamente. Perto do término da vida, escreve: “É irônico pensar que eu fiz essa jornada para ser a pessoa mais feliz possível e viver sem nenhum ruído ao meu redor, mas tudo que eu consigo pensar é sobre voltar pra cidade” (MCCANDLESS, 1992, Tradução nossa)⁹

Pode-se, então, perceber certo arrependimento do que anota nos últimos e solitários momentos de vida, a única chance que ele quer ter é a de sobreviver e retornar para casa, para o urbano, para a família. Todas as áreas e instituições tanto rechaçadas por ele. Assim, McCandless manifesta a ambiguidade entre espaço e lugar de Tuan (1983), anteriormente citada neste artigo. Dessa forma, escreve à família, para quem não deixou nenhum bilhete avisando de sua partida, e relata: “Com sorte, minha família está indo bem e minha morte não causará tanta dor a eles” (MCCANDLESS, 1992, Tradução nossa)¹⁰

Desde o início, sua grande preocupação era estar em solitude e encontrar a felicidade que não habitava em suas relações familiares ou sociais. Contudo, “ele escreveu: *FELICIDADE SÓ REAL QUANDO COMPARTILHADA*” (KRAKAUER, 1998, p. 197). Logo, é provável que Chris formule certo equilíbrio em relação ao que defendia, isto é, ele poderia ter o isolamento proporcionado pela natureza, mas era necessário obter laços afetivos reais com pessoas; só assim, conseguiria a real felicidade.

Isso é explicado como:

O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. (TUAN, 1983, p. 61)

⁹ “It is ironic to think that I made this journey to be the happiest person possible and live without any surrounding noise, but all I can think about is going back town” (MCCANDLESS, 1992)

¹⁰ “Hopefully, my family is doing well and my death does not pain them too much” (MCCANDLESS, 1992)

Assim, ele descobre que necessita de estabilidade entre espaço e lugar, encontrando refúgio em casa, aventura na natureza, dependência nas relações humanas e liberdade ao estar sozinho.

Além disso, “o espaço, uma necessidade biológica de todos animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual” (TUAN, 1983, p. 66), portanto Chris carece de casa, da cidade, da família que pudessem lhe manter a sanidade mental.

Ademais, “as pessoas são seres sociais. Gostamos de companhia de nossos semelhantes” (TUAN, 1983, p. 70), logo ele, em rebeldia, nega precisar de pessoas. Porém ao longo da jornada, percebe que as relações interpessoais não o afastavam da liberdade, pois era possível ter ambas, contanto que essas conexões não fossem com pessoas supérfluas.

Na última foto de Christopher tirada em vida, há um caderno com uma anotação que diz: “TIVE UMA VIDA FELIZ E AGRADEÇO A DEUS. ADEUS E QUE DEUS ABENÇOE A TODOS!” (KRAKAUER, 1998, p. 206). Pela sua expressão, percebe-se a paz na qual se encontrava. Apesar de saber que morreria logo, deixa seu recado ao mundo. Estava grato pela vida que teve, pelas pessoas que passaram por sua existência. Afirma, ainda, que não carrega em si ressentimentos no que tange a Deus, mas respeito a Ele e pede bênçãos a todos.

Na análise do autor do livro:

Seu rosto está horrivelmente emaciado, quase esquelético. Mas se sentiu pena de si mesmo naquelas últimas horas difíceis – porque era tão jovem, porque estava sozinho, porque seu corpo o traía e sua vontade o abandonara -, isso não aparece na fotografia. Está sorridente e não há como se enganar com seu olhar: Chris McCandless estava em paz, sereno como um monge que se entrega a Deus. (KRAKAUER, 1998, p. 207)



Fotografia 01 – autoria de Christopher McCandless. Datada no ano de 1992. Fonte: MCCANDLESS, Carine. *The Wild Truth*. Nova York: HarperCollins, 2004.

Somente na natureza foi possível que C. M. imergisse no processo de amadurecimento, pois ali encontrou abrigo para suas angústias e obteve, ao longo da viagem, amizades verdadeiras para as quais mandou cartas avisando sobre seu estado. Ademais, “o espaço terrestre aparece como a condição de realização de toda realidade histórica, que lhe dá corpo e assinala a cada existente o seu lugar” (DARDEL, 2011, p.43). Dessa forma, no Alasca, ele experencia a antítese entre cidade e natureza.

Outrossim, “é a terra que, podemos dizer, *estabiliza* a existência. No ritmo da vida, ela traz o elemento de repouso e de abrandamento que modera sua inquietude e sua tensão” (DARDEL, 2011, p.43). Da mesma forma, ele pode balancear, no isolamento, seu gênio rebelde e desafiador com o entendimento sobre a importância de viver em comunidade e ter conexões reais. Por isso, a natureza foi seu elemento de descanso e o contexto de seu abrandamento.

Como foi dito, ele sempre sentiu grande atração em escalar, cuidar e respeitar a natureza, afinal, na sua visão, “a Terra é, por *excelência*, para o homem, como destino, a circunstância (circunstare), aquilo que se ergue à sua volta” (DARDEL, 2011, p.43). Onde ele quer viver e passar a sua vida é ali, tendo grifado no livro *Felicidade Conjugal*, de Tolstói (1828-1910):

Passei por muita coisa na minha vida e agora penso que encontrei o que é necessário para a felicidade. Uma vida tranquila e isolada no campo, com a possibilidade de ser útil à gente para quem é fácil fazer o bem e que não está acostumada que o façam; depois trabalhar em algo que se espera tenha alguma utilidade; depois descanso, natureza, livros, música, amor pelo próximo – essa é a minha ideia de felicidade. E

depois, no topo de tudo isso, você como companheira, e filhos talvez – o que mais pode o coração de um homem desejar? (KRAKAUER, 1998, p. 178)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, a busca de si através da natureza na vida de Chris teve sucesso, pois não somente no Alasca, mas durante toda a travessia, livrando-se o máximo possível de materialidades inúteis, objetivando depender completamente da natureza, do que ela oferece, finalmente, ele se conhece.

Ainda que Chris “antes mesmo de tê-la encontrado, ele vai adiante dela e a *reconhece*” (DARDEL, 2011, p.43), visto que, sem antes ter visitado o lugar, quando chega, sente-se no lar que lhe fora negado. Na sua residência “selvagem”, pôde pensar sobre a existência, teorias filosóficas, teologia, sua vida como um todo e seu propósito de existência.

Através das teorias de apinhamento e topofilia de Yi-Fu Tuan, estabeleceu-se a relação que o homem tem com a natureza, enfatizando que ela é como uma entidade e não um mero contexto habitacional. Enfatiza, também, a basilaridade de encontrar equilíbrio entre estar sozinho e estar com os outros.

Apesar de ser extremamente criticado pela maioria das pessoas que conhecem a sua história, seja pelo filme, livro ou revista, e o consideram negligente, imaturo e idealista demais, é inegável que Chris foi um ser humano corajoso devido à instauração de um ideal que, mesmo tendo provocado o abandono da família, da estabilidade financeira e da valorização social para se encontrar, foi posto em prática.

Portanto, Chris se torna exemplo de alguém que rejeitou todas as seduções do mundo moderno, cheio de rapidez e automatismos, para assumir suas crenças até as últimas consequências. Assim, deixa um legado presente no livro *Na natureza selvagem*, no filme de mesmo nome¹¹ e nos outros relatos do livro *The Wild Truth*, conseguindo diversos admiradores, ainda que já estivesse morto e incapaz de ver as vidas que transformou pela sua história.

Expressa, também, que “As regiões selvagens atraíam aqueles que estavam aborrecidos ou desgostosos com o homem e suas obras” (KRAKAUER, 1998, p. 166), ou seja, o caso de Chris, pois esses espaços

não só ofereciam uma fuga da sociedade, mas também o palco ideal para o indivíduo romântico exercer o culto que frequentemente fazia de sua própria alma. A solidão e

¹¹ O filme estreou em 2007 com direção de Sean Penn.

a liberdade total da natureza criavam o cenário perfeito para a melancolia ou a exaltação (KRAKAUER, 1998, p. 166).

Tendo em vista tudo que foi citado, a natureza, de início, foi representada por Chris como um lugar pacífico, no qual o homem pode encontrar tranquilidade para pensar sobre si, o que não se mostraria possível ao viver na cidade, agitada e vazia. Contudo, depois de vivenciar todo o processo de jornada pela natureza, o aventureiro expressa valorização tanto do espaço no qual estava, quanto da cidade. Dessa forma, ambas se tornaram relevantes na vida do jovem, mas com diferentes propósitos e motivos. A natureza ainda como abrigo, mas essa não integrava todas as necessidades de McCandless, pois ele também carecia da família e do contraste entre os meios.

O protagonista do livro odeia todos esses apegos momentâneos. Ele anseia por seres sinceros, que não procurem em falácias ganhar proveito, contudo achem na honestidade, independente do contexto, um meio de construir uma vida digna. Assim, Chris encontra essas pessoas, deixa seu legado ao mundo e diversas lições de vida, especialmente, para seus parentes e àqueles que o conheceram pela jornada.

REFERÊNCIAS

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Diary Of Chris McCandless - **Dying to be wild**. Disponível em:
<<https://intothewild2016.wordpress.com>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

KRAKAUER, Jon. **Na natureza selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MCCANDLESS, Carine. **The Wild Truth**. Nova York: HarperCollins, 2004.

SÓ LITERATURA. **Arcadismo**. Disponível em:
<<https://www.soliteratura.com.br/arcadismo>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

TOLSTÓI, Liev. **Felicidade conjugal**. São Paulo: 34, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.